



O GÊNERO RESENHA NA UNIVERSIDADE: MEMÓRIA DISCURSIVA E CONSTRUÇÃO SOCIAL

Anne Caroline Dias Rocha Prado¹
Márcia Helena de Melo Pereira²

INTRODUÇÃO

De acordo com Bakhtin (2011), a linguagem atravessa todas as esferas da atividade humana, produzindo *tipos relativamente estáveis* de enunciados concretos e únicos, de acordo com as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas. O gênero que pretendemos investigar, neste trabalho, a resenha, circula na esfera jornalística e na esfera acadêmica.

As resenhas surgiram no século XVII, com o objetivo de discernir entre os bons e os maus livros. Essas resenhas eram publicadas em revistas de cunho cultural, que foram criadas para difundir conhecimento, como o *Journal des Savants*, de Paris, as *Philosophical Transactions*, da *Royal Society*, de Londres, as *Acta Erudictorum*, de Leipzig, e as *Nouvelles de la Republique des Lettres*, de Amsterdã. Todavia, essas revistas eram publicadas apenas a cada um ou dois meses e em diversas cidades da Europa, o que dificultava a localização das resenhas (BURKE, 2002). Berté (2015) relata que, no século XVIII, a resenha de livros se popularizou. Apelando para o intelectualismo e sofisticação da classe média, essas resenhas estimulavam as vendas dos livros, ainda que seus autores afirmassem que seu objetivo era a formação do leitor. Já na metade do século, as resenhas passaram a tratar de outros temas e ganhou o espaço dos jornais.

No Brasil, não era costume a utilização da palavra *resenha*; em seu lugar, usava-se *crítica*. Segundo Melo (2003), até hoje persistem o emprego dos termos *crítica*, para designar as unidades jornalísticas que cumprem a função de resenhar, e *crítico*, para se

1 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGLin-UESB), sendo bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). (UESB/Brasil). Endereço eletrônico: annerochaprado@gmail.com

2 Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente, é Professora Adjunto do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin-UESB), campus de Vitória da Conquista (UESB/PPGLin/DELL/Brasil). Endereço eletrônico: marciahelenad@yahoo.com.br



referir a quem resenha. Ele explica que a razão para isso é o fato de que o jornalismo no país passou por uma transição, deixando de dar espaços eventuais para os intelectuais avaliarem obras culturais, para popularizar esse tipo de tarefa, tornando-a frequente. Esta mudança não agradou nem os intelectuais, que eram contrários às simplificações e generalizações pretendidos pela indústria cultural, e nem os editores culturais, que acham desnecessário ampliar o raio de influência da crítica da arte. Com isso, os críticos intelectuais se autodenominaram *críticos*, e passaram a produzir textos mais estruturados, teorizados e formativos, segundo os padrões da análise acadêmica, que eram divulgados em veículos acadêmicos; enquanto os textos dos jornalistas, feitos a partir de uma análise superficial, passaram a se chamar *resenhas*, numa tradução de *review* do jornalismo estadunidense.

De acordo com Nina (2007), entre a crítica surgida com os intelectuais até a crítica de hoje, existiram as críticas de rodapé. Ela explica que “o rodapé era assinado por intelectuais, que [...] cultivavam a eloquência e a erudição com o intuito de convencer rapidamente os leitores num tom subjetivo e personalista” (p.24). Segundo ela, a partir dos anos 40, com o surgimento das faculdades de Letras, os textos críticos passaram a ser escritos, também, por acadêmicos, sobretudo sob a forma de resenhas.

A resenha, então, é definida, no âmbito jornalístico, como um gênero opinativo, cujo objetivo é orientar o público na escolha de obras de arte e produtos culturais (MELO, 2003).

No espaço acadêmico (que é o que nos interessa), a resenha é tida como um gênero usado na universidade para avaliar uma produção intelectual de uma determinada área do conhecimento (MOTTA-ROTH e HENDGES, 2010). Segundo as autoras, a pessoa que escreve resenhas e aquela que a lê tem objetivos diferentes: enquanto a primeira fornece uma opinião crítica, a outra busca. As pesquisadoras explicam que, normalmente, uma obra é resenhada a partir de quatro movimentos retóricos: (1) apresentação; (2) descrição; (3) avaliação; (4) (não) recomendação. Motta-Roth e Hendges explicam que essas etapas geralmente aparecem nessa ordem e podem variar em tamanho e frequência. De acordo com as autoras, a descrição e a avaliação de partes específicas do livro podem aparecer juntas em um mesmo trecho ou sentença. Elas explicam, ainda, que, em cada estágio textual apresentado, o resenhador pode empregar estratégias retóricas e que, apesar de a avaliação ser a função que define o gênero resenha, ela não é seu único componente. Sendo assim, a resenha é, ao mesmo tempo, avaliativa e informativa.

Como vemos, ao longo do tempo foi se construindo discursos a respeito da atividade de resenhar. A esse conjunto de já ditos que sustentam todo dizer Michel



Pêcheux (1997) dá o nome de memória discursiva. De acordo com Fonseca-Silva (2007), a memória discursiva, para Pêcheux, acontece quando a linha horizontal (intradiscurso) incide na linha vertical (interdiscurso). O intradiscurso diz respeito ao novo discurso, reconstruído naquele momento, perpassando o discurso já construído historicamente, o interdiscurso. Daí a materialidade repetível da memória, que é sempre reconfigurada, sempre se circunscreve.

Assim, nosso objetivo, com este trabalho, é investigar a memória do gênero resenha nos dias atuais, por meio das vozes de uma dupla de estudantes universitários, durante o processo de construção de uma resenha. São nossas perguntas: o que os escreventes dizem sobre a resenha? Quais vozes ecoam na fala deles sobre como deve ser esse gênero? Qual a construção social do gênero que aparece na fala deles?

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, fizemos uso da transcrição de gravação em áudio de uma conversa mantida entre uma dupla de estudantes universitários durante o momento da produção de uma resenha. Essa transcrição faz parte de um *corpus* coletado entre 2012-2013, durante os trabalhos de pesquisa de Iniciação Científica, vinculados ao projeto “A relação entre estilo e gênero vista sobre a perspectiva processual: desvendando segredos da criação”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Márcia Helena de Melo Pereira. Assim selecionamos excertos do diálogo da dupla – materialidades discursivas que sugerem como deve ser uma resenha.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Passemos, então, a verificar a memória sobre o gênero resenha construída por dois alunos universitários ao elaborarem uma resenha sobre o curta metragem *Vida Maria*, dirigido por Márcio Ramos, em 2006.

Abaixo, temos trechos da conversa da dupla, nos quais os estudantes comentam sobre o que deve ter, ou não, em uma resenha:



1. **M:** a pessoa tem que dar informações sobre a obra
2. **ML:** Mas tem que contar a história toda
ML: Mas a gente tem que contar a história, tá ligada?
3. **M:** Aí agora vem nossa opinião
4. **M:** A gente tem que indicar a obra
5. **ML:** É mesmo, num pode contar o final não. Tem que deixar o leitor com vontade de ver
ML: A introdução tá, tá chamando atenção, aí o povo vai querer assistir o vídeo

Nos excertos acima, é possível identificar cinco aspectos que a dupla julga serem característicos do gênero resenha: (1) deve conter informações sobre a obra resenhada; (2) deve ter um resumo da obra; (3) deve conter a opinião do resenhador a respeito da obra; (4) deve-se indicar (ou não) a obra; (5) deve despertar o desejo do leitor pela obra resenhada. Os quatro primeiros aspectos apontados pelos estudantes nada mais são que os movimentos retóricos apontados por MOTTA-ROTH e HENDGES(2010). O quinto aspecto também está em conformidade com o que dizem essas autoras, que afirmam que o escrevente de uma resenha descreve e avalia uma obra buscando atender o leitor.

Nos excertos seguintes, os escreventes apontam informações que devem aparecer em cada uma das partes de uma resenha:

6. **M:** Na introdução. O que se faz na introdução de resenha?
ML: Fala sobre a obra.
M: Sobre os autores da obra... Identifica a obra.
7. **M:** Primeiro a gente vai continuar falando o que? Escrevendo o resumo, e descrevendo a obra... descrevendo...
8. **M:** Mas não precisa contar mais história, precisa opinar agora.
ML: Tenta concluir aí agora.
M: Concluir com opinião.
9. **M:** Mas indica é no final.

Os pontos apresentados pelos escreventes estão em conformidade com a descrição esquemática das estratégias retóricas usadas no gênero resenha, proposta por Motta-



Roth (1995 *apud* MOTTA-ROTH e HENDGES, 2010). Ao dizerem que, na introdução, é preciso falar sobre a obra e sobre os seus autores, os estudantes refletem dois passos que a autora menciona como sendo partes do movimento de *apresentar a obra: informar o tópico geral e/ou dar referências sobre o autor*. Adiante, a dupla afirma a necessidade de escrever um resumo da obra, de descrevê-la, o que, para a pesquisadora, seria o passo *dar uma visão geral da organização da obra*, parte do movimento de *descrever a obra*. Ainda, os universitários comentam que, no final, deve-se opinar sobre a obra e indicá-la, aspectos que fazem parte dos movimentos de *avaliar e (não) recomendar a obra* resenhada.

Vemos, portanto, que os fragmentos das falas da dupla de estudantes revelam uma memória bastante completa em relação à resenha como um gênero acadêmico, não apenas no que diz respeito à sua organização global. Isso acontece porque, a produção de uma resenha exige entendimento do contexto de produção e recepção do texto, das características do discurso argumentativo e dos mecanismos linguísticos que materializam o gênero (MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, 2004).

CONCLUSÃO

Diante do exposto, ressaltamos a importância do gênero resenha na universidade, pois, além de exigir um olhar crítico do escritor diante da obra a ser resenhada, auxilia no desenvolvimento das capacidades de síntese e interpretação. Dada a sua relevância, a resenha tornou-se um gênero muito usual na esfera acadêmica, sobretudo na universidade e, por isso, diversos pesquisadores têm se dedicado a estudá-la. Informações sobre o gênero são facilmente encontradas na *internet* e difundidas em disciplinas relativas à leitura e produção de textos, e são elas que fundamentam a construção da memória discursiva a respeito da resenha. Portanto, o que vemos nas falas da dupla é um reflexo dessa memória.

Palavras-chave: Resenha. Memória discursiva. Construção social.

REFERÊNCIAS



BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BERTÉ, Mauro Marcelo. **Percurso histórico discursivo da resenha literária em revistas brasileiras de atualidades**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

BURKE, PETER. Problemas causados por Gutemberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. **Estudos avançados** [online], v. 16, n.22, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v16n44/v16n44a10.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 17.

FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. Mídia e lugares de memória discursiva. In: FONSECA-SILVA, Maria da Conceição; POSSENTI, SÍRIO (orgs.). **Mídia e rede de memórias**. Vitória da Conquista- Ba: Edições UESB, 2007.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. **Resenha**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MOTTA-ROTH, Desirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NINA, Cláudia. **Literatura nos jornais: A crítica literária dos rodapés às resenhas**. São Paulo: Summus, 2007.

PÊCHEUX, Michel [trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al.]. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 3 ed., 1997.